



Eu não comemorei a chegada do PowerBook Titanium. Não gostei do novo iBook. Me decepcionei com o último G4. Apesar de tais opiniões, sou um dos mais empolgados evangelistas da Apple. Talvez por isso eu me preocupe tanto com os erros e acertos da equipe que desenvolve os produtos lá em Cupertino.

Meu primeiro Mac foi um SE, cujo chassi é muito semelhante ao do Macintosh original. Extremamente compacto, monobloco, simples. Não é a toa que está exposto no MoMA, o mais cabuloso museu americano da arte moderna. Mas, tão logo entrei para essa turma, a coisa mudou. Durante anos vi a Apple se perder na corrida contra os PCs feiosos. Para poder competir, a empresa foi obrigada a cada vez mais fazer suas máquinas com os componentes existentes no mercado. Então, o que vimos foi uma sucessão de caixotes acinzentados ao lado de monitores cúbicos, igualmente cinzas, igualmente feios. O fundo do poço foi o Performa 4400, que além do plástico vagabundo e do design sem imaginação, tinha por dentro aquela macarronada de fios que caracteriza os PCs marca barbante.

Mas, um belo dia, foi lançado o iMac. Com desenho arredondado e soluções engenhosas para fazer tudo caber em tão pouco espaço. Em muitas cores, lançadas como coleções de moda. Com foco no consumidor que ainda não tem um computador, mas sabe que quer acessar a Internet. Tudo isso fez a Apple ficar, mais uma vez, a anos-luz da concorrência.

Na sequência veio o iBook e os meus olhos brilharam novamente. Novas cores decretavam o fim do visual “pretinho Chanel”. Uma borda emborrachada garantia resistência extra; perfeito para ser jogado na mochila. Uma alça resolvia o velho problema de transportar algo com o tamanho de um caderno mas pesado como um tijolo. Um sistema inédito abria e fechava a tela sem apertar botões ou destravar alavancas. Simples como um livro. Bordas suaves com um botão de clique integrado sem cantos vivos permitiam repousar a mão confortavelmente sobre o computador por horas. Uma fonte redonda feita com fios mais finos transformava o cabo de força em um ioiô.

Mas então a Apple lançou o Power Mac G4 que, diferente do colorido G3 azul, era cinza. Na sequência lançou um novo iMac, agora na cor cinza. Depois lançou o novo iBook e adivinhe em que cor? Exatamente, cinza. E então, uma surpresa: o Cubo. A nova máquina chutou de vez um monte de idéias para escanteio e não é à toa que não se chamou iCube. No visual que combinava acrílico e aço, a linha

Chutando o balde



Os iMacs influenciaram o design desde impressoras e celulares até acessórios de limpeza

curva deu lugar à reta, numa tentativa de parecer sério. A colocação dos conectores no fundo do Cubo obrigava todos os cabos a ficarem eternamente dobrados, e o cabo do monitor simplesmente não encaixava sem o uso de um adaptador.

Alguns meses depois veio o PowerBook Titanium. O impacto foi grande, muitos amaram, mas eu odiei. Aquele visual dizia claramente: “isto não é para você”. O chip G4 e a tela gigante eram uma tentação. Mas logo descobriu-se que ele arranhava fácil, comprometendo definitivamente o visual classudo. As arestas voltavam a incomodar ao se deixar as mãos apoiadas. O titânio mostrou ser um excelente condutor de calor, permitindo que o chip fritasse a perna dos usuários incautos. Mas o

que mais me irritou foi a volta da alavanquinha que prende a tampa, ou seja, mais peças móveis para quebrar e botões para apertar. Trancaram a capa do livro.

O golpe de misericórdia veio com o novo iBook. Escaldados pelo titânio, voltaram ao plástico. Mas não o plástico fosco e resistente dos velhos iBooks, mas um tipo branco e brilhante. “É pra variar”, diziam uns, me consolando da decepção com a cor hospitalar. “É pra ficar mais compacto”, diziam outros, para justificar as implacáveis linhas retas. Mas eu só tinha ouvidos para a tela, que rangia ao ser aberta. Preocupava-me o fato de o plug de força ser menos robusto e perder a capacidade de indicar o nível da bateria através de luzes internas. O fim da alça transformava o portátil num imenso sabonete. O acabamento era uma piada e, graças a ele, a suscetibilidade aos riscos na tampa foi às alturas. O desenho, consolidando a volta da estética caixote, era monótono.

Enfim: um sucessor com cara de antecessor. Queimar CDs num portátil é muito legal, ser pequeno e leve é ótimo, ter uma cacetada de portas é demais, ter saída para monitor é uma mão na roda, mas não precisavam aprisionar tanta tecnologia legal num visual reacionário. O iMac original não era perfeito: seu mouse redondo não dava a dica de para onde ele estava apontado. O iBook original também tinha os seus defeitos. Por exemplo, a introdução da semi-inútil tecla Function no canto inferior esquerdo do teclado, onde antes ficava a tecla Control, é um estorvo. O exótico “Plug do Mickey” tornou a fonte ioiô incompatível com todos os cabos de força produzidos até então. Esses produtos continham avanços que foram abandonados e precisam voltar. Janeiro está chegando e, mais uma vez, é hora do show. Novas máquinas serão apresentadas e tudo pode acontecer, pois a Apple sempre surpreende. Torço por uma nova guinada, de volta à robustez e a opção de cores. Mas acima de tudo espero algo novo, plano, sem mouse, com caneta, fino, *touchscreen*, rodando Mac OS X, minha atual paixão. **M**

TONY DE MARCO

Trocou o HD do seu iBook laranja por outro maior para poder ser feliz.

As opiniões emitidas nesta coluna não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.